

Editorial

Cuidado e Transhumanismo



Cuidar. Esta é a palavra que permeia, de forma clara ou implícita, esta edição da Revista Portal de Divulgação nº49. Quando se fala em cuidado na área do envelhecimento vem, imediatamente, a ideia de uma pessoa muito idosa e frágil que necessita de cuidados constantes. No entanto devemos ter claro que o cuidado é parte da vida. Somos cuidados quando crianças. Adultos, cuidamos da nossa família, velhos voltamos a ser cuidados. Nesse ‘tempo de vida’, nas diferentes etapas, passamos por transformações no ato de ser cuidado e cuidar. Mas, como cuidar de outros se não cuidamos de nós? Quando se aborda o cuidado familiar devemos refletir: Qual a história da família? Como ela se configura para cada um? Qual espaço que ocupou e ocupa na sociedade atual?

Ampliando o cuidar no âmbito apenas familiar encontramos aquele oferecido pelas instituições públicas: Como é realizado? Os profissionais estão preparados para atender o idoso e seus familiares? Existe efetivação na prática das políticas propostas? Como cidadãos, não é nosso dever cuidar dos espaços institucionais como um direito?

Os profissionais são indivíduos que tem uma história de vida e de cuidados, que podem se refletir na ação profissional. Na preparação para a prática apreendem-se técnicas, mas descuida-se do mais importante: o cuidado pessoal com o profissional que está sendo formado. Por que o aluno escolheu esta área de atuação? Como viveu o cuidado no seu âmbito familiar? Qual a figura de ‘velho e velhice’ construiu internamente? Como se projeta para o futuro? Para o formador essas questões devem ser fundamentais e base da formação.

Nesta edição podemos nos aproximar das várias dimensões do cuidar pessoal e institucional, da consciência que se tem a respeito de suas potencialidades e limites. Invertendo a ordem proposta no Índice construímos um caminho de reflexões que vai do particular ao institucional, inseridos que estamos em um mundo dito 'pós-moderno' que avança rumo a um futuro repleto de promessas, ainda imprevisíveis, decorrentes dos progressos das tecnociências.

Nesse passeio livre sobre os temas abordados iniciamos com a reflexão *O mapa da minha família*, primeira parada sobre o 'saber de si' que nos prepara para o encontro com o outro. O mapa da família pode ser considerado como primeiro passo para a autoconsciência e autocuidado, e despertar para o papel que se quer e pode desempenhar. Nas redes relacionais construídas em família é possível encontrar pistas de nós mesmos e tomar consciência de quem somos e que queremos e podemos.

Nas redes de relações que se estabelece temos, além da família, aqueles de proximidade por identificação: as amigas e as comunidades afetivas de vizinhança. Pode-se argumentar que hoje a vida é "flutuante" pela superficialidade de contatos, devido aos constantes deslocamentos. Parece que essa 'rede de solidariedade' está desgastada, e o homem moderno 'flutua' entre modos e modas, sem lugar seguro de pouso e reconstituição de si.

Para aqueles mais idosos que permaneceram nos lugares no qual construíram também uma 'comunidade de vizinhança' existe a possibilidade de velhice digna, com respeito e acolhida como indica o artigo *Comunidades de vizinhança em Portugal e na França: lidando com o isolamento social e a solidão dos idosos*. São inúmeras as possibilidades de arranjos de apoio e moradia para idosos mais longevos e frágeis, nas quais se afasta o 'fantasma' do abandono e solidão, pois cada indivíduo vive e envelhece de modo único, como nos mostra o relato *Cuidados na moradia – um arranjo personalizado*, no qual se apresenta um modo diferenciado de cuidar, buscando o conforto desejado na velhice.

Ampliando as perspectivas do cuidar temos o trabalho realizado pelas instituições públicas, que oferecem apoio aos idosos e familiares, e são espaços de prevenção e cuidados com a saúde e qualidade de vida, como se constata nos artigos *Avaliação Multidimensional de idosos integrantes do centro de convivência Zazinha Cerqueira na cidade de Feira de Santana-BA*, e *As demandas do serviço social no atendimento a pessoa idosa. Experiências na atenção básica de saúde de São Paulo e São Jose Rio Preto*.

Interessante notar as diferenças regionais que surgem nos dois trabalhos, ressaltando que no último surge também o avesso do cuidado: a violência contra o idoso. Indicando que esse 'descuido' acontece, prevalentemente, no ambiente familiar. Realidade confirmada no artigo *Violência contra a pessoa idosa na cidade de Embu das Artes*, tendo como referência os dados registrados no Centro de Referência de Idosos – CRI - deste município paulista.

A família, idealmente imaginada, como espaço de afetividade e cuidado surge como o do sofrimento e violência. Reafirmamos, neste ponto, a importância desse reconhecimento dos espaços de vida nos quais nos formamos e ao final da vida retornamos. A violência física, psíquica e moral são grave problema em diferentes estados e cidades do Brasil; decorrente, na maior parte das vezes, da ignorância e miséria material dessas populações. A par destas não se pode esquecer o abandono e a solidão, que podem levar a autonegligência na qual vivem muitos idosos, mesmo em países desenvolvidos, como abordado no artigo sobre as 'comunidades de vizinhança'.

Duas reflexões teóricas, que se complementam, podem nos fazer refletir sobre a realidade vivida hoje e que afeta a muitos idosos, são ela: *Envelhecimento e Pós-Modernidade: a importância do cuidado* e *O desamparo e o cuidado na velhice*. Essas reflexões podem lançar luz sobre tema tão delicado, pois como afirma a autora desta última reflexão:

Muitas vezes o idoso não aceita o lugar que lhe assinala a sociedade, o que lhe provoca uma sensação de vazio e desamparo, especialmente quando o outro já não mais lhe aponta o seu lugar e não pode ser nomeado desde esse lugar, por exemplo, como resultado da aposentadoria. Esta situação lhe provoca um sentimento desvalorizado da estima de si. (Gotter, 2013, p.4)

O que devemos e queremos enfatizar é que existem muitas possibilidades de valorização e resgate do papel cidadão dos mais velhos e 'fora do mercado'. É nosso papel como profissionais formadores e, neste espaço que construímos – o *Portal do Envelhecimento* - de divulgadores dos temas velhice e longevidade e seus muitos desafios.

O *Portal do Envelhecimento* e a *Revista Portal de Divulgação* são espaços virtuais de divulgação e desenvolvimento na construção de uma "Cultura da Longevidade", e têm como missão "transferir informações qualificadas sobre a velhice e o envelhecimento possibilitando o acesso democrático ao conhecimento sobre esta instigante fase da vida"¹.

A utilização das ferramentas virtuais de livre acesso é um dos poderosos mecanismos de inserção e atualização dos idosos, pois o domínio destes meios de comunicação propicia a conexão com diferentes realidades e informações, e fortalece os idosos em suas competências e habilidades, como indica o relato *Blog Universidade da Terceira Idade Uniso. Uma proposta da Terapia Ocupacional*. Neste sentido, esse domínio dos espaços virtuais facilita o acesso a sites, como por exemplo, o *Portal do Envelhecimento*, que informam sobre direitos, deveres e possibilidades, como o contato entre familiares e intergeracionais, como divulgado em muitos interessantes artigos.

¹ <http://www.portaldoenvelhecimento.com/quem-somos>

Neste sentido, o que aqui apresentamos são realidades vividas, mas também possibilidades de avanço e transformação destacando as da utilização da medicina tradicional aliada a medicina convencional, na prevenção e manutenção da saúde e qualidade de vida, por meio de remédios e/ou práticas tradicionais, como nos indica o artigo *Medicinas Tradicionais. O que estamos esperando para implementar as resoluções da OMS?*, que como nos indica o título, tem seus pressupostos já garantidos pela Organização Mundial da Saúde.

Verificamos que se, por um lado, a medicina tradicional que acumula conhecimentos e práticas milenares não pode ser descartada, nos deparamos, por outro, com os desafios e possibilidades dos avanços velozes da tecnociência e da tecnomedicina, que apontam para uma extensão da vida nunca sonhada. A perspectiva do transhumanismo, assunto fascinante e polêmico, abordado na entrevista com o filósofo Luc Ferry, nos faz pensar nos benefícios e riscos que esse desenvolvimento pode levar. Como será então o que hoje entendemos por cuidado? Que civilização estaremos construindo? É a que queremos?

Encerramos este Editorial, que apresenta a diversidade e complexidade da vida e longevidade e do cuidar, nas duas pontas: da medicina tradicional para o salto desconhecido do futuro, com a afirmação de Ferry (2016):

As pesquisas sobre as células tronco e sobre hibridização homem-máquina progridem de forma extraordinária, e é a convergência dos vários componentes da tecnomedicina que faz pensar que progressos são possíveis nessa área. O problema é saber a que preço!

Boa Leitura!
Beltrina Côrte e Vera Brandão
Editoras

